

**A CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS NO
PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES: O
EXEMPLO DO ISF-UFS**

Sanmires Santos SOUZA (Graduando – UFS)
Elaine Maria SANTOS (Doutora – UFS)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a importância do programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) como um fator que contribui para o desenvolvimento do processo de internacionalização nas universidades brasileiras, destacando o seu papel na política linguística da Universidade Federal de Sergipe (UFS); bem como analisar a percepção dos alunos que participam das aulas de idiomas oferecidas pelo programa sobre o próprio desenvolvimento linguístico e o quanto isso contribui para o desenvolvimento da UFS. Para tal, usamos como exemplo o núcleo de inglês do programa IsF-UFS. Analisaremos os dados relacionados ao programa, disponibilizados no sistema de gestão do IsF; o que é apresentado na política linguística da IES; nos documentos oficiais que institucionalizam o programa sobre internacionalização; o resultado de questionários aplicados a alunos do programa; e o que teóricos afirmam sobre a internacionalização das instituições de ensino superior. Este artigo deriva de uma pesquisa de iniciação científica realizada no ano de 2018 na Universidade Federal de Sergipe, revisitando os dados outrora levantados e acrescentando dados sobre a atualidade.

Palavras-chave: Programa IsF, internacionalização, universidades

Introdução

O programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) é desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) e esteve em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) até julho de 2019. As ações do referido programa visam promover políticas linguísticas de internacionalização nas universidades públicas brasileiras, contribuindo para a formação profissional dos docentes dos cursos de Letras Estrangeiras na área prática e também no campo da pesquisa. Institucionalizado em 2012 pela Portaria Normativa nº. 1466/2012, ainda chamado Inglês sem Fronteiras, o programa nasceu como uma ramificação do programa Ciências sem Fronteiras (CsF) para oferecer suporte linguístico aos alunos que fariam intercâmbio em outros países. Naquele momento, a ação principal desempenhada era a aplicação de testes de

proficiência TOEFL ITP, requerido em muitas universidades anglófonas como pré-requisito exigido em programas de mobilidade. Ao mesmo tempo, foi ofertado um curso online de língua inglesa, chamado de *My English Online*, para todos os alunos das Instituições de Ensino Superior credenciadas ao programa. Em um segundo momento, cursos presenciais de língua inglesa foram também ofertados, com sistema de ranqueamento próprio, que privilegiava os alunos elegíveis ao CsF.

Com a Portaria Normativa nº. 973/2014 o programa é ampliado, passa a se chamar Idiomas sem Fronteiras e a englobar outros idiomas, tais como Alemão, Espanhol, Francês, Italiano e Japonês, além de Português como língua estrangeira/adicional. Além disso, a Portaria Normativa nº. 973/2014, nos incisos 2 e 3, do artigo 2º., aponta como objetivos do ISF o de “ampliar a participação e a mobilidade internacional para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos e capacitação em institutos de excelência no exterior” e “contribuir para o processo de internacionalização dos institutos de educação superior e dos centros de pesquisas”. Este último sendo reforçado na Portaria Normativa nº. 30/2016, o mais recente documento regulamentador do programa, no artigo 2º., inciso 4, que diz: “contribuir para o processo de internacionalização das IES, da RFEPCT e dos centros de pesquisa”. Como pode ser notado, duas mudanças foram observadas no decorrer da publicação de novas portarias: Em primeiro lugar, a incorporação de outras línguas estrangeiras, com destaque para o francês, espanhol e Português como língua estrangeira/adicional, uma vez que esses idiomas são também ofertados na Universidade Federal de Sergipe, na modalidade presencial. A segunda mudança se relaciona ao público alvo das ações do IsF, uma vez que inicialmente era destinado aos alunos da IES, com preferência para os elegíveis ao CsF, de modo que, com as novas portarias, os servidores das instituições bem como a comunidade acadêmica da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT). O programa se tornou cada vez mais inclusivo, oferecendo oportunidades de desenvolvimento linguístico a todos(as) os(as) interessados(as), tendo sempre as questões voltadas para a internacionalização como

pilares a serem seguidos.

Para cumprir os objetivos propostos, o programa IsF oferece várias ações, entre as quais estão: a aplicação do teste de proficiência em língua inglesa TOEFL-ITP, disponível para alunos, professores e servidores das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas; um curso de inglês a distância online, o My English Online, que disponibiliza atividades divididas em cinco níveis de proficiência; bem como cursos presenciais de inglês, espanhol, francês e português como língua estrangeira.

Em parceria com a instituição Fullbright, o IsF também oferece à comunidade acadêmica da UFS atividades de desenvolvimento linguístico a partir do contato com estadunidenses, através do programa *English Teaching Assistants* (ETAs). Os ETAs contribuem com esse processo, por intermédio de aulas de conversação e palestras, participando de workshops e das aulas dos professores bolsistas do programa IsF, o que faz com que haja o compartilhamento de experiências através de perspectivas interculturais.

A internacionalização das IES

Nos últimos anos o fenômeno da globalização vem estreitando as fronteiras entre os diversos países do globo e favorecendo a conexão entre eles, esse fenômeno é o resultado, entre outros fatores, de uma série de avanços tecnológicos que facilitam a integração das nações.

As demandas geradas pela globalização – e relacionadas com a maior facilidade e rapidez de acesso ao que está acontecendo em todo o mundo – não deixam de interferir na academia, que começa a notar a necessidade de conectar o que está sendo desenvolvido nas instituições com o resto do mundo,

A comunidade acadêmica começa a reagir aos efeitos da globalização através da sua inserção em cenários globais, seja por mobilidade através da participação em conferências, seminários, eventos ou programas de intercâmbio. Também pode ser percebida pela apresentação de estudos de natureza científica, ou ainda pela

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

publicação de artigos em revistas científicas internacionais.
(STALLIVIERI, 2017, p. 18)

Nesse contexto, as políticas governamentais começam a incentivar o compartilhamento do conhecimento que é produzido nas IES, o que nos permite entender a Internacionalização das IES como “a variedade de programas e políticas que as universidades e governos os implementam para responder à globalização” (ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009, p. 7).

Atentos a esse quadro, a política linguística da Universidade Federal de Sergipe, aprovada em 2018, ressalta a importância em se desenvolver as políticas de internacionalização na própria universidade ao destacar como um dos objetivos, no artigo 1º inciso II, “possibilitar experiências de diversidade linguística e cultural nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFS, favorecendo ações de internacionalização”. Essa ideia é reforçada no inciso III, ao ser apresentada a ideia de se trabalhar o ensino de línguas, objetivando promover a democratização do acesso a variados discursos possibilitados pelas línguas estrangeiras e vernaculares, visando à inclusão social e ao desenvolvimento de práticas que incentivem os processos de internacionalização da UFS (BRASIL, 2018).

Esses objetivos corroboram com os apontados pelas portarias regulamentadoras do programa IsF, como já apontado acima, e são reforçados pela Política Linguística da UFS. ao ser abordado o papel do IsF no artigo 2º, inciso IV. Assim sendo, as línguas estrangeiras também seriam trabalhadas na Universidade Federal de Sergipe

por intermédio do Programa Idiomas sem Fronteiras, a partir da oferta de cursos presenciais e/ou a distância de Inglês, Espanhol, Francês e Português para Estrangeiros; bem como da aplicação de testes de proficiência à comunidade acadêmica e parcerias nacionais e internacionais visando ao desenvolvimento linguístico de alunos e servidores da UFS. (BRASIL, 2018)

Nesse ínterim, o programa IsF vem desenvolvendo atividades na UFS desde a sua implementação, em 2014 já tendo ofertado mais de 276 cursos presenciais. Por

recorte deste trabalhemos, traçaremos a nossa abordagem a partir dos dados dos cursos presencias de inglês.

O Isf-UFS e o processo de internacionalização

As aulas presenciais de inglês do IsF-UFS funcionam a partir de duas perspectivas fundamentais, a do professor-bolsista e a dos alunos da comunidade acadêmicas atendidos pelo programa. Perspectivas essas que iremos tratar doravante.

Para ser professor-bolsista de inglês do IsF-UFS, o candidato deve ser aluno de graduação – ou graduado – dos cursos de licenciatura em Inglês ou Português/Inglês, possuir proficiência linguística mínima de B2 (seguindo-se as especificações do Quadro Comum Europeu de Referência – QCER) comprovada a partir de exame internacional, tais como o TOEFL-IBT, CAE, IELTS, entre outros; e ser aprovado no processo seletivo proposto pelos coordenadores do programa. Uma vez participando do programa, os professores-bolsistas passam por um processo de formação, acompanhados pelos coordenadores, para prepará-los para lecionar no programa. São etapas dessa formação: estudos teóricos, preparação de material para as aulas do IsF e atividades de desenvolvimento linguístico do professor-bolsista.

O referencial teórico adotado no programa é um dos suportes que o professor-bolsista possui para desenvolver as próprias atividades. Entre as perspectivas adotadas, relacionadas ao ensino de inglês, destaca-se a do Pós-método, em que se acredita não existir um método específico para o ensino de línguas, considerado como modelo ideal a ser seguido, conforme apontado por Kumaravadivelu:

Tendo testemunhado como os métodos passam por ciclos intermináveis de vida, morte e renascimento, agora parecemos ter atingido um estado de consciência intensificada – uma consciência de que, enquanto estivermos presos na teia do método, continuaremos a nos enredar em uma busca incessante por uma solução indisponível, uma consciência de que tal busca nos leva a reciclar e re-embalar continuamente as mesmas velhas ideias e uma consciência de que nada menos do que quebrar o ciclo pode salvar a situação (KUMARAVADIVELU, 1994, p. 32 – tradução das autoras).

Segundo essa perspectiva, o professor tem a liberdade para desenvolver as próprias práticas de ensino através do que ele acredita ser necessário para que os alunos aprendam, ao invés de seguir um modelo preestabelecido. O contexto de sala de aula é o que norteia as escolhas do professor, de modo que “As questões mais importantes não são qual método adotar, mas como desenvolver procedimentos e atividades de instrução que permitam que os objetivos do programa sejam atingidos” (RICHARDS, 1985 – tradução das autoras). Assim o professor pode optar por uma variedade de metodologias e técnicas, desde que elas sejam desenvolvidas de modo a possibilitar o aprendizado do aluno, atendendo às especificidades de cada grupo, promovendo um ambiente de ensino comunicativo e possibilitando o aprendizado da gramática de forma indutiva. Seguindo-se essas orientações, o professor estará preparado para teorizar a partir da sua prática e a praticar tudo aquilo que foi teorizado (KUMARAVADIVELU, 2003).

Outro referencial teórico importante é a perspectiva da Abordagem Comunicativa (AC), principalmente no que ela dialoga com o Pós-método, ao também propor que não há um único modelo de aula a ser seguido, sendo que os alunos devem ser o centro da aula e o professor tem a liberdade para adaptar a sua prática às necessidades do aluno. O ensino de gramática deve ser indutivo, na AC, e a comunicação é o objetivo final a ser assegurado (JORDÃO, 2013).

Nesse escopo teórico, podemos incluir ainda a ideia do ensino voltado para o Letramento Crítico, que defende que o professor deve promover reflexões para auxiliar o aluno a desconstruir e reconstruir sentidos, tendo em mente que os sentidos das coisas são múltiplos e não existe uma verdade universal. Para Mattos e Valério (2010, p. 149), “atividades comunicativas poderiam facilmente incorporar o letramento crítico, acrescentando-se a elas uma nova fase, na qual uma das etapas anteriores pudesse servir de insumo para a problematização essencial à crítica social”.

Contando com todo esse arcabouço teórico, os professores-bolsistas de inglês do Isf- UFS desenvolvem e prepararam as aulas que serão ministradas nos cursos presenciais. Após essa preparação, as aulas são revisadas pelos coordenadores do

programa e possíveis alterações são debatidas em grupo, prevalecendo à autonomia do professor que lida diretamente com os alunos e conhece o próprio público.

Assim, o nosso primeiro ponto de análise é a percepção que o professor-bolsista de inglês tem sobre como a sua prática contribui para a própria formação, para o desenvolvimento linguístico dos alunos e, conseqüentemente, para o processo de internacionalização da UFS, pois este perpassa a competência linguísticas dos estudantes das IES.

A partir das discussões em grupo realizadas nas reuniões de formação do programa IsF-UFS, dos depoimentos do professores-bolsistas e dos relatos dos alunos, podemos concluir que, para o professor-bolsista de inglês, o IsF-UFS promove um ambiente de aprendizagem em que ele consegue desenvolver maior segurança sobre a própria prática docente, uma vez que é levado a construir as próprias diretrizes de ensino a partir do relacionamento com os mais variados alunos dos cursos presenciais, que provem de cursos e realidades sociais diferentes. Nesse aspecto, o trabalho com o referencial teórico feito no programa é de suma importância, já que o professor-bolsista conhece uma série de possibilidades de ações que podem ser desenvolvidas em sala de aula e pode optar pelo caminho mais adequado a seguir de acordo com cada turma.

As trocas de experiências que ocorrem nas reuniões também contribuem para o desenvolvimento didático do professor-bolsista, de modo que ele pode aprender a partir da vivência dos colegas, bem como das reflexões que são feitas e das ações que precisam ser tomadas, considerando-se que a autonomia é sempre valorizada e o professor-bolsista precisa se posicionar diante das inúmeras possibilidades que são apresentadas.

Outro ponto a ser considerado é o desenvolvimento linguístico do próprio professor- bolsista. Seja durante o processo de preparação de aulas, na aplicação das próprias aulas ou em atividades realizadas com as ETAs, o professor-bolsista passa por diversos momentos em que o aprendizado pessoal é estimulado. Essas possibilidades vão além da formação comum da graduação e, como resultado, o bolsista é exposto a

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

uma variedade maior de momentos de aprendizagem.

O programa também estimula o desenvolvimento acadêmico dos professores. Além do estudo teórico realizado no programa, o professor-bolsista é levado a pesquisar e produzir artigos científicos, usando o conhecimento alcançado no programa e as próprias experiências de sala de aula, participar de conferências e seminários, desenvolver projetos de pesquisa e compartilhar o conhecimento apreendido na realização das atividades do IsF-UFS.

Por fim, os professores do programa apontam a percepção da contribuição das próprias ações para a comunidade acadêmica. Seja ministrando as aulas de inglês ou produzindo academicamente, o compartilhamento daquilo que aprende ao participar do programa é repercutido e compartilhado com a universidade, de modo que outros possam usar esse conhecimento como ponto de partida para diversos estudos realizados dentro ou fora da universidade.

É importante destacar que todo esse processo relacionado às ações voltadas para que os cursos presenciais sejam ministrados está inserido dentro de uma perspectiva que valoriza e prioriza os processos de internacionalização. Os cursos ofertados não são produzidos em um escopo tradicional de turmas seriadas, em que a aprovação em um nível faz com que o aluno se matricule no nível seguinte e, assim, uma progressão vertical possa ser assegurada. Todas as portarias do programa destacam a necessidade de se trabalhar na perspectiva de valorização das ações de internacionalização. Assim sendo, os cursos oferecidos trabalham as habilidades, assuntos e conhecimentos acadêmicos, de modo que o aluno se inscreve no curso a partir do tópico que será trabalhado, e na perspectiva de valorização do que será importante para o seu crescimento acadêmico, com o auxílio da língua estrangeira. Para exemplificar, tomaremos como base alguns cursos que foram ofertados para o ensino da língua inglesa: culturas de língua inglesa, comunicação intercultural, compreensão escrita: estratégias, compreensão escrita: artigos científicos, produção escrita: parágrafos, compreensão oral: estratégias, produção oral: interações acadêmicas; exames de

proficiência: familiarização.

Os cursos acima mencionados são ofertados nos níveis A2, B1, B2 e C1 do Quadro Comum Europeu. Ao fazer a prova de proficiência TOEFL ITP ou a prova de nivelamento do MEO, o sistema oferece ao aluno, no momento da matrícula, os cursos disponíveis para o seu nível linguístico, e o aluno continuará fazendo cursos no mesmo nível, até que avance de nível no MEO ou faça alguma prova de nivelamento ofertada pelo programa. A formatação dos cursos presenciais de inglês faz com que o seu teor e as suas características sejam acadêmicas, o que é sentido pelos alunos, a partir dos depoimentos colhidos neste trabalho, conforme destacado a seguir. A segunda perspectiva que queremos analisar é a do aluno que participa das aulas de inglês no IsF-UFS. Os cursos do IsF atendem alunos de graduação, pós-graduação (mestrado e doutorado), professores e servidores da universidade. A maioria dos alunos estuda/trabalha no campus de São Cristóvão, local em que as aulas presenciais acontecem. Apesar de também está disponível para alunos de outros campi, a distancia e o tempo de deslocamento é um fator que influencia a pouca participação deles. Os alunos escolhem os horários de aula de acordo com os horários da graduação/pós-graduação, encaixando as aulas de inglês entre elas ou no horário oposto. As aulas de inglês também são ofertadas aos sábados, o que contempla aqueles que têm uma carga horária maior universidade e os alunos dos outros campi.

Para analisar a perspectiva dos alunos, solicitamos que eles respondessem a um questionário on-line gerado através do site Google Forms¹, em que eles deveriam responder a seguinte pergunta: “Como você acha que o IsF contribui para a sua formação acadêmica?”, além de informar alguns dados, como a área de estudo e o número de cursos de inglês que já fez no IsF.

As respostas dos alunos, em linhas gerais, abordam principalmente:

- Desenvolvimento da capacidade de leitura;
- Desenvolvimento da capacidade de comunicação oral;

¹ <https://www.google.com/forms/about/>

- A importância do inglês para o profissional e para o pessoal.

A primeira resposta a ser destacada vem de um aluno da graduação em Fisioterapia. Ele aponta o desenvolvimento da leitura e a ampliação do vocabulário como os principais pontos de ganho com o curso, além de afirmar que esse conhecimento fez diferença na sua vida acadêmica. Fica evidente o reconhecimento dado pelo aluno aos cursos do IsF, bem como a sua percepção de que as ações do programa estão relacionadas a sua vivência acadêmica. Para o aluno, quando ele analisa o seu progresso na aprendizagem da língua inglesa, o IsF

Contribuiu muito, fiz dois cursos de compreensão escrita de inglês e a minha leitura de textos em inglês melhorou muito, além disso, eu adquiri novos conhecimentos desde vocabulário à pronúncia. Gostei muito dos cursos, com certeza fizeram muita diferença não só na vida acadêmica (Aluno da graduação em Fisioterapia).

Outro aluno, graduando em Matemática, aponta a importância das aulas para uma futura seleção de mestrado e a facilitação do acesso a textos acadêmicos em língua inglesa. “Com a aproximação da formatura e a possibilidade de candidatar-me ao Mestrado em Educação, sei que será de grande contribuição o que aprendi e desenvolvi no IsF, tanto na seleção como para pesquisas e consultas em material científico internacional” (Aluno da graduação em Matemática). Em sua fala, é notória a relação que faz entre o IsF, a vivência acadêmica e, em consequência, a internacionalização.

Um terceiro aluno, do mestrado em educação física, aponta como as aulas o ajudaram a lidar com os textos acadêmicos requeridos na sua formação e o desenvolvimento da comunicação em inglês:

O programa me deu subsídio para entender melhor os artigos científicos que leio durante o processo de graduação e pós-graduação na instituição, além do mais, me possibilitou uma melhor comunicação através da fala com indivíduos que não se expressam em português. O curso me capacitou também para apresentar trabalhos científicos em inglês em um congresso fora do Brasil (Aluno do Mestrado em Educação Física).

As questões relacionadas à internacionalização ficam evidentes em sua fala, principalmente quando destaca a importância das aulas do IsF para as trocas acadêmicas que serão feitas em língua inglesa, em especial, em eventos fora do país. Além do ganho acadêmico, os alunos também retratam o ganho pessoal que o programa proporcionou. Para alguns deles, conforme relatado por um aluno de engenharia civil, o IsF foi uma boa oportunidade para fazer um curso formal de inglês. “O IsF se mostrou muito importante para minha formação acadêmica, ao passo que oferece cursos de qualidade a custo zero” (Aluno da graduação em Engenharia Civil). O auxílio do IsF no aprendizado da língua para fins pessoais também relatado, conforme fala de um aluno do curso de geografia, ao citar que o curso “facilita assistir vídeos e filmes em inglês” (Aluno da graduação em Geografia). Seja para fins pessoais, gerais ou acadêmicos, os alunos que responderam aos questionários sobre os cursos presenciais do IsF-Inglês foram unânimes ao destacar o desenvolvimento linguístico alcançado com os cursos presenciais do Programa Inglês sem Fronteiras.

Conclusão

É necessário situar o papel do programa Idiomas sem Fronteiras a partir da análise das portarias que o regem, do tipo de atividade proposto, das características dos cursos presenciais que são ministrados, da formação docente que é direcionada aos professores-bolsistas do programa, bem como da percepção do programa sob os olhares dos bolsistas e alunos. A classificação do IsF como um programa que oferece cursos de línguas à comunidade acadêmica é simplista, quando as especificidades do programa são desconsideradas e a natureza do tipo de aula é negligenciada. Os cursos ministrados pelo IsF precisam ser analisados sob a ótica da proposta voltada para a vivência acadêmica e para a internacionalização.

A análise das ações desenvolvidas pelo programa não podem estar voltadas simplesmente para o estudo da legislação que rege o seu funcionamento, uma vez que as especificidades de cada IES fazem com que o programa tenha ações e resultados

específicos. Assim sendo, é necessário descrever as ações desenvolvidas, os resultados alcançados e as opiniões coletadas com professores e alunos, de modo que redirecionamentos do programa possam ser assegurados.

Diante do exposto neste trabalho, concluímos que o IsF tem conseguido cumprir com o seu papel no que se refere ao processo de internacionalização da UFS, ao trazer o desenvolvimento linguístico para os alunos da universidade, prepará-los para processos de mobilidade acadêmica, levantar discussões e oportunidades relacionadas a práticas culturais e trocas coletivas de informações. Embora o processo de internacionalização da UFS ainda seja jovem, o IsF vem contribuindo para que a produção e o compartilhamento de conhecimento científico não seja barrado por causa de língua. E esse processo tem sido percebido não só pela instituição, mas também por aqueles que estão mais diretamente ligados ao desenvolvimento do programa, os professores-bolsistas e os alunos dos cursos presenciais.

Referências

ALTBACH, Philip; REISBERG, Liz; RUMBLEY, Laura. *Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution*. Center for International Higher Education, Boston College, Boston, 2009.

BRASIL. Portaria N. 1466, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras.

BRASIL. Portaria N. 973, de 14 de novembro de 2012. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras.

BRASIL. Portaria N. 30, de 26 de janeiro de 2016. Amplia o Programa Idiomas sem Fronteiras.

BRASIL. Universidade Federal de Sergipe. Resolução N° 35/2018/CONEPE, de 16 de agosto de 2018. Aprova a Política Linguística da UFS.

JORDÃO, Clarissa. *Abordagem Comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico: farinhas do mesmo saco?*. In: MACIEL; ROCHA (Orgs.). *Língua estrangeira, formação cidadã*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

**ANAIIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

KUMARAVADIVELU, B. The Postmethod Condition: (E)merging Strategies for Second/Foreign Language Teaching. *TESOL Quarterly*, v. 28, n. 1, 1994.

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching*. New Haven and London: Yale University Press, 2003.

MATTOS, Andréa; VALÉRIO, Kátia. Letramento crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 135-158, 2010.

RICHARDS, Jack C. *The context of language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

STALLIVIERI, Luciane. Compreendendo a internacionalização da educação superior. *Revista de Educação do COGEIME*, v. 26, n. 50, jan.-jun., p. 15-36, 2017.